

Sobre um herbário ilustrado do início da Era Moderna traduzido para o português: o livro *Historia das plantas*, de João Vigier¹

An early modern illustrated herbal translated into Portuguese: João Vigier's Historia das plantas

FERNANDO J. LUNA

Universidade Estadual do Norte Fluminense | UENF

RESUMO Neste artigo, o longo percurso de fragmentos do conhecimento clássico sobre plantas medicinais da farmacopeia de Dioscórides, escrita em grego no primeiro século de nossa era, foi retraçado até chegar à língua portuguesa, depois de passar por várias traduções, expansões, modificações e compilações, realizadas por diferentes homens de ciência, ao longo do tempo. Em 1718, apareceram em língua portuguesa, na forma do livro *Historia das plantas*, publicado por Jean Vigier, boticário francês radicado em Lisboa. Alguns aspectos do trabalho de Vigier como autor e tradutor são discutidos à luz dos conceitos da área de estudos transdisciplinar formada pela intersecção entre a história das ciências e a história do livro, que tem se ocupado de estudar o papel da cultura impressa e seus agentes no desenvolvimento das ciências.

Palavras-chave virtudes medicinais – *materia medica* – botânica – plantas medicinais

ABSTRACT *In this article, the centuries-long trajectory of some of the knowledge about plants from Dioscorides' Pharmacopoeia was followed as it took the form of various translations, expansions, modifications and compilations made by different men of science. In 1718, it reached the Portuguese language, in the form of the book entitled Historia das Plantas, published by Jean Vigier, a French apothecary based in Lisbon. Some aspects of Vigier's work as a translator and author are discussed under the light of recent interdisciplinary scholarship in the intersection of the history of science and the history of the book.*

Keywords *herbals – materia medica – botanical illustration – medicinal plants*

Introdução

Não é recente – nem escasso – o interesse dos estudiosos pela história do livro escrito em língua portuguesa:² Diogo Ramada Curto identificou cerca de 1.400 fontes bibliográficas relativas à história do livro em Portugal entre o século XV e meados do século XIX,³ usando como ponto de apoio, entre outros, o trabalho do Grupo Interdisciplinar do Livro e da Leitura, da Universidade Nova de Lisboa.⁴ Entretanto, raramente são publicados estudos voltados para o livro científico em português⁵ e, menos ainda, dedicados à análise da tradução de obras de ciência para a nossa língua.

Análises de obras originais comparadas com suas versões traduzidas são valiosa fonte de recursos para o historiador que busca entender as mentalidades e o universo cultural de determinado período no passado, ao revelar mecanismos precisos da apropriação e reinterpretação, no vernáculo, de ideias e conceitos científicos formulados noutras línguas, bem como as eventuais alterações de sentido associadas com o processo de tradução. Tais mecanismos e possíveis alterações são questões que deveriam merecer mais atenção da comunidade dedicada ao estudo da história das ciências no Brasil, já que somente uma pequena fração da ciência, ao longo da história, foi originalmente pensada e escrita em português. Quase todo o conhecimento científico moderno chegou até os lusofalantes por meio de traduções.⁶

O exame atento do trabalho de tradutores de certos livros seminais, que introduzem uma disciplina específica para o público de um determinado país ou região linguística em um dado idioma, revela uma visão geral sobre o estado de uma ciência no momento crucial em que está surgindo para aquela comunidade linguística. Não é raro que as escolhas— acertadas ou não—, feitas naquele momento pelo tradutor, tornem-se legado duradouro e influente para gerações de cientistas, professores, técnicos e estudantes da disciplina mais tarde. Um artigo recente que discute alguns aspectos do trabalho de tradução da nomenclatura química lavoisiana do francês para o português, no final do século XVIII, exemplifica bem a longevidade e importância de tais escolhas.⁷

Burke e colaboradores reuniram, em um livro,⁸ interessantes contribuições historiográficas sobre questões relacionadas com a prática da tradução, abrangendo o período entre os séculos XV e XVII, do ponto de vista da história cultural, com o objetivo de melhor compreender o papel da tradução e dos tradutores na divulgação das ciências para leitores das línguas russa, turca e grega. Recentemente, Marie-Pascale Pieretti examinou o trabalho de mulheres que se dedicaram à tradução no século XVIII,⁹ inclusive a marquise du Châtelet (1706-1749), cujo nome marca a história das ciências por conseguir tornar o *Principia Mathematica* bem mais inteligível na versão que traduziu para o francês do que no original. Sabe-se que Newton fizera questão de escrevê-lo de forma hermética depois das desinteligências que teve com um rival.¹⁰ Pieretti explica que, apesar de ser também autora de uma obra científica original, Châtelet creditava a sua condição feminina a razão porque se dedicava às traduções, que reputava ser ocupação mais apropriada para mulheres. Outro artigo recente sobre o mesmo tema apresenta interessante análise sob uma perspectiva até então ignorada nos estudos sobre mulheres tradutoras do século XVIII.¹¹ Com argumentos convincentes, Mirella Agorni desconstrói a noção da tradução como atividade solitária, identificando diversas formas de colaboração no trabalho das tradutoras que examinou. Segundo a autora, o conjunto de práticas paralelas que ocorrem junto com a tarefa de traduzir, tais como a seleção de textos originais, a edição, o financiamento e a impressão, ou seja, todas as atividades em torno do trabalho do tradutor deveriam merecer mais atenção dos estudiosos da história do livro e da leitura.

Com um trabalho intitulado *Notas sobre la traducción científica y técnica en el siglo XVIII*, Josefa Gómez de Entería empreendeu um levantamento exaustivo das traduções para o espanhol de livros técnicos e científicos do século XVIII, com o objetivo de sistematizar dados que incluem fontes primárias, área de especialização, razão específica para a tradução feita, a importância para a história das ciências na Espanha, além de relatos das dificuldades na tradução da terminologia científica.¹² Outro exemplo espanhol foi a interessante abordagem à questão da tradução de livros de química franceses utilizada por Bertomeu Sánchez e Rosa Muñoz Bello, ao estudar o caso da obra *Éléments de chimie*, utilizando críticas contemporâneas encontradas nos relatórios de censura produzidos pela Academia Médica local na última década do século XVIII.¹³

Manuscritos e livros chamados herbários

O termo 'herbário', no sentido em que era usado até o fim da Era Moderna,¹⁴ aproximadamente, significa livro ou manuscrito contendo nomes e descrições de ervas e outras plantas úteis para medicina por causa de suas propriedades, especialmente a virtude de curar doenças. Além da descrição detalhada de plantas medicinais, esses manuscritos ou

livros podiam trazer também ilustrações de cada planta apresentada. Na história do livro, o período entre a revolução gutemberguiana e o começo do século XVIII foi marcado pela profusão desse gênero de publicação, quando os ensinamentos dos autores clássicos—seus herbários—, que já circulavam na forma de textos copiados à mão, passaram a ser impressos acompanhados por ilustrações reproduzidas, num primeiro momento, pela técnica da xilografia.

Havia um grande mercado para os livros chamados herbários. Já na segunda metade do século XVI, o médico e botânico italiano Pierandrea Mattioli (1501-77)¹⁵ afirmava ter vendido trinta mil cópias de seu comentário sobre a obra do médico grego Dioscórides (século I). Inicialmente publicado em 1544, em italiano, saíram dezenas de edições em várias línguas pelos dois séculos que se seguiram e deve ter sido provavelmente o livro científico mais lido e discutido do século XVI.¹⁶ O livro de Mattioli teve circulação tão ampla que chegou até o extremo Ocidente: Fabiano Cataldo recentemente encontrou a edição de 1554 citada num catálogo da Biblioteca Pública da Bahia do início do Oitocentos.¹⁷

Além da importância como manual prático de referência para obter informações sobre qual planta medicinal era apropriada para cada doença, os herbários se tornaram obrigatórios para os acadêmicos de medicina, que precisavam se dedicar ao estudo da *materia medica*, ou seja, os produtos de origem vegetal, animal ou mineral usados na cura das doenças. As figuras xilogravadas permitiam aos médicos, farmacêuticos e mesmo aos amadores comparar as plantas locais com as que tinham sido descritas, inicialmente, pelas autoridades clássicas, dentre os quais se destaca o grego Dioscórides.¹⁸

O tratado farmacêutico de Dioscórides, conhecido em latim como *De materia medica* (sobre assuntos de medicina) foi escrito por volta do ano 65 de nossa era e conservado através dos séculos na forma de fragmentos de papiros e manuscritos bizantinos (o mais antigo dos quais data do século VI). O texto é dividido em 'livros', contendo mais de duas mil receitas e fórmulas de medicamentos.¹⁹

Neste artigo o objetivo é examinar o trabalho de Jean Vigier, publicado na forma do livro intitulado *Historia das plantas*, em 1718, utilizando o referencial que tem guiado numerosos estudos sobre o uso e a circulação de objetos e saberes científicos, assim como estudos sobre a história do livro, tentando responder questões como as seguintes:²⁰ quem era o tradutor e quem patrocinou a tradução? Qual era o original livro traduzido? Onde foi impresso? Qual o formato físico do livro e o que isso revela sobre o seu uso? Como o livro está organizado e como foi feito o trabalho de tradução? O tradutor estava preparado para realizar a tarefa a que se propôs? Que informações traz o livro traduzido? Houve omissões ou adições na versão traduzida? Por que um livro sobre plantas traz no título a palavra 'história'? Qual paradigma, no sentido kuhniiano, foi seguido pelos autores e tradutores para descrever o conteúdo científico tratado no livro?²¹

221

Nota metodológica

Buscas foram realizadas nos maiores repositórios digitais disponíveis na rede mundial de computadores (*Archive.org*; *europa.eu*; *Google Books*; *dp.la*), usando variadas combinações de palavras-chave para identificar todos os livros discutidos neste trabalho e suas diferentes edições. Em visitas a três instituições cariocas, nomeadamente, a Biblioteca Nacional, o Real Gabinete Português de Leitura e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os catálogos, tanto digitais como em papel, foram examinados com o intuito de encontrar as obras de Vigier, assim como as versões de *Historia das plantas* em outras línguas com base em indicações contidas nos paratextos (frontispício, índices, prefácio, poemas laudatórios, *imprimatur*, privilégio, erratas e cartas dedicatórias a patronos ou mecenas).²² As hipóteses sobre a genealogia que estão resumidas na Tabela 3 foram formuladas com base em comparações, tanto das ilustrações como da diagramação e do conteúdo da seção principal de *Historia das plantas*. Finalmente foi feita uma leitura cuidadosa dos dois volumes dessa obra com o objetivo de identificar os referenciais teóricos utilizados como paradigma científico principal na discussão da ação terapêutica das espécies vegetais ali descritas.

Sobre João Vigier (1662-1723)

Entre o final do século XVII e o início do seguinte, o “nacional do Reyno de França”²³ João Vigier fixou residência em Lisboa. Ganhava a vida no comércio de remédios,²⁴ mas era também autor e tradutor de livros científicos. Suas publicações, listadas na Tabela 1, cobrem toda a teoria e prática médica, incluindo a cirurgia, a anatomia, a farmácia, a química e o estudo das plantas, que eram a principal fonte de medicamentos.²⁵

Tabela 1: Livros publicados por João (ou Joam, ou Joan) Vigier em português

Ano	Título	Como
1714	<i>Thesouro apollineo, galenico, chimico, chirurgico,...</i>	autor
1715	<i>Cirurgia anatomica, & completa por perguntas, e respostas</i>	tradutor
1716	<i>Pharmacopea Ulyssiponense, galenica e chymica</i>	autor
1718	<i>Historia das Plantas da Europa, e das mais uzadas que vem...</i>	tradutor

Nessa época, médicos e cirurgiões exerciam profissões separadas, sendo a de médico mais prestigiosa que a de cirurgião: “Sejas Médico methodico, ou Cirurgião versado, ou Boticario cuidadoso”, escreveu Vigier no prólogo do seu primeiro livro,²⁶ destacando as qualidades valorizadas em cada ofício. O papel do médico era diagnosticar a doença e prescrever o medicamento, enquanto que o boticário preparava a combinação dos ‘simples’, ou seja, os ingredientes, de origem vegetal, animal ou mineral, que entravam nas composições farmacêuticas, de acordo com a prescrição dada pelo médico. Como explica Vigier, alguns tipos de ‘simples’ eram “arrancados do Reyno Vegetal, quaes são as ervas, as sementes, as plantas, as cascas, as raizes, as flores, os frutos, as folhas, as rezinas, os lignos; outros desenterrados do Reyno Mineral, quaes são as pedras, os metaes, as terras; outros desentranhados do Reyno Animal, quaes são as partes dos viventes, [...]”.²⁷

De acordo com o historiador J. P. Souza Dias, Vigier era oriundo do sul da França, de perto da cidade de Montpellier, onde nascera no dia 14 de abril de 1662, mas transferiu-se para Lisboa ainda jovem.²⁸ Num dos paratextos de seu primeiro livro, publicado em 1714, aprende-se que Vigier está em Lisboa “há mais de trinta annos, exercitando a Pharmacia com seu Tio, o insigne Pedro Donodeo Boticario da Rainha [...]”.²⁹ Trata-se de dona Maria Francisca Isabel de Saboia (1643-83), também francesa, que chegou a Lisboa em 1666 e se casou com o Rei de Portugal (e, dois anos depois, com o irmão deste). O nome de um dos homens de confiança da Rainha, Nuno Alvarez Pereyra de Mello, Duque de Cadaval, aparece na capa do primeiro livro de Vigier, como mecenas e patrocinador da publicação.

Vigier era também treinado em química – ou melhor, *chymica* –, na tradição pré-lavoisieriana, que já se separara da alquimia, mas ainda não havia encontrado um paradigma hegemônico e se dividia em várias escolas. A doutrina que seguia era a de Nicolas Lemery (1645-1715), conhecido professor francês que chegou a dar aulas na universidade em Montpellier, onde também trabalhou como boticário, e escreveu o livro-texto *Cours de chimie*, que teve múltiplas edições e foi traduzido para várias línguas.³⁰

Portugal no começo do século XVIII³¹

O período entre 1706 e 1750, sob o rei D. João V (1689-1750), foi marcado por características como a neutralidade frente os conflitos europeus, a centralização do poder nas mãos do soberano e a promoção das artes, letras e ciências. Entretanto, enquanto o resto da Europa Ocidental vivenciava a era do Iluminismo, Portugal foi influenciado somente de

forma marginal pelas ideias ilustradas, que alcançaram um número limitado de portugueses, geralmente aqueles que viajavam ao exterior ou os que tinham acesso, por meio da leitura, à 'república das letras'.³² Por influência das sucessivas rainhas consortes, que por razões diplomáticas, eram invariavelmente estrangeiras, alguns cortesãos também estavam ligados a redes internacionais de sociabilidade. Entretanto, os chamados 'estrangeirados' não passavam de uma pequena minoria, enquanto valores profundamente tradicionais continuavam dominando as mentalidades em todos os níveis sociais, sob o controle atento da Santa Inquisição.³³

Grandes projetos de engenharia, como o convento de Mafra (1717), um aqueduto para Lisboa (1731) e o palácio de Queluz (1747), foram realizados, financiados pelo influxo de ouro brasileiro. No terreno das artes e cultura, houve a construção da biblioteca da Universidade de Coimbra, a fundação da Real Academia de História (1720) e as reformas dos estudos médicos científicos, enquanto inventores e homens de ciência frequentavam a corte. Em 1709, o célebre 'padre voador'³⁴ fazia demonstrações em escala reduzida de balões de ar quente no salão do palácio real.³⁵ Houve também a promoção de trabalhos no campo da cartografia, mineralogia, botânica, sendo convidados naturalistas estrangeiros para explorar a flora local. Foi criado, no Paço dos Duques de Bragança, o primeiro museu nacional de arqueologia,³⁶ enquanto começavam os trabalhos sistemáticos de exploração e mapeamento do território português na América.³⁷

Durante as primeiras décadas do século XVIII, houve um aumento significativo nas taxas de alfabetização, especialmente nas áreas urbanas. Embora não cultivassem com afinco a prática da escrita, a maior parte da nobreza, do clero e da alta burguesia era razoavelmente letrada. Além da *Gazeta de Lisboa*, um periódico semi-hebdomadário, inaugurado em 1715, havia a circulação de livros, outros jornais, periódicos, panfletos e calendários. Como explica Verissimo Serrão, a *Gazeta* "tinha um numeroso público leitor, recrutado entre a nobreza palaciana, os homens de letras, os mercadores e os estrangeiros residentes em Lisboa, que ali encontravam noticiário para todos os gostos",³⁸ mormente notícias do resto da Europa. Entretanto o número de livros publicados anualmente não passava da casa da centena, e mesmo assim boa parte era de textos devotos, como sermões ou hagiografias. Entre os livros publicados em Portugal de 1715 a 1750, somente quatro por cento eram sobre ciência, enquanto seis em cada dez eram de caráter religioso. A produção local atendia um público bastante limitado, ao passo que, uma parte significativa dos livros disponíveis em Portugal eram importados principalmente da França, Espanha, Holanda, Suíça e dos diversos estados italianos.³⁹ Apesar do predomínio absoluto dos temas devotos, havia oferta relativamente generosa de obras de história poesia e também pela filosofia e ética, além de livros de orientação espiritual e manuais ilustrados.

Por lei, todo material publicado no século XVIII era rigorosamente controlado por um sistema triplo de mesas censórias. Nenhuma obra poderia ser impressa legalmente sem a sanção formal do bispo local, da mesa da Inquisição e do censor da coroa. Quando chegavam no porto de Lisboa, livros importados tinham de ser declarados e somente eram autorizados a entrar depois de aprovados pela mesa da Inquisição. Mesmo sem atualização desde 1624, o *index librorum prohibitorum* listava as obras proibidas por heresia ou libertinagem.⁴⁰ Como explica o historiador Luiz C. Villalta, na acepção setecentista, o libertino é "todo livre-pensador influenciado pelas novas ideias dos filósofos e enciclopedistas, que por suas leituras, ações e omissões, punha em xeque alguns dogmas cristãos [...]".⁴¹

A Igreja dominava todo o sistema de educação formal, mormente a Sociedade de Jesus, desde que foi fundada, cerca de 200 anos antes. As universidades que havia, Coimbra e Évora, eram ambas instituições jesuítas, que permaneceram, durante toda a primeira metade do século XVIII, profundamente influenciadas pelas doutrinas conservadoras da Contrarreforma. Como explica Maxwell, "os jesuítas tinham o direito exclusivo de ensinar latim e filosofia no Colégio de Artes, a escola preparatória obrigatória para ingresso nas faculdades de teologia, leis canônicas, leis civis e medicina na Universidade de Coimbra. A única outra universidade de Portugal, a de Évora, era uma instituição jesuítica".⁴² Embora a Sociedade não fosse inteiramente refratária ao pensamento racionalista e muitos jesuítas fossem homens genuinamente dedicados à ciência experimental, a pedagogia que usavam desde as primeiras letras até o nível universitário era estreita e cautelosamente conservadora.

O livro *Historia das plantas*, de J. Vigier

O título completo, dado a seguir sem atualização ortográfica, é *Historia das plantas da europa, e das mais uzadas que vem de Asia, de Affrica, & da America. Onde ve se suas figuras, seus nomes, em que o tempo florecem & o lugar onde nacam. Com hum breve discurso de suas Qualidades e Virtudes especificas.*

Além de três retratos de artistas ilustrando magistralmente o trabalho de produção de imagens de plantas para seu herbário, é também em Leonhart Fuchs (1501-1556) que vamos encontrar uma definição coeva do termo *historia*, na acepção aqui utilizada: “das ist/namen/geschlecht/gestalt/ort unnd zeit iher wachsung/natur oder complexion”,⁴³ ou seja, nome, gênero, forma, localização e época, além de sua natureza e compleição, constituem “toute l’histoire des Plantes, em peu de parolles et très bon ordre”.⁴⁴ Michel Foucault expande a explicação incluindo, além dos herbários, livros sobre animais, que traziam a palavra *historia* no título. Segundo escreve n’*As palavras e as coisas*,

*fazer a história de uma planta ou de um animal era tanto dizer quais são seus elementos ou seus órgãos, quanto as semelhanças que se lhe podem encontrar, as virtudes que se lhe atribuem, as lendas e as histórias com que se misturou, os brasões onde figura, os medicamentos que se fabricam com sua substância, os alimentos que ele fornece, o que os antigos relatam dele, o que os viajantes dele podem dizer.*⁴⁵

LIV. V. DIV. I. do Tabaco. 283

G. Bauh. *Nicotiana major latifolia.*

TABACUM
Nicotiana,
Lugd. Lon. major.
Tab.

Port. *Erva sancta*
ou *Tabaco.*

Franç. *Tabac, Ni-*
cotiane, herbe à
la Reine.

os mais, *Tabaco.*



DESCRIP. A planta do Tabaco he taon conhecida porque poucos saon os jardins & hortas, hoje que naon haja esta planta Americana ha tres especies que naon dife-rem mais que em terem folhas maiores ou mais estreitas os nomes saon Nicotiana latifolia, angustiore folio, Minor, sana santa, Hyocianus Peruvianus, Petum.

VIRTUD. Purgaon com muyta violen-cia; ufase na apoplexia, Paralifia, Letar-go, nas suffocaçoens uterinas, na asthma; dase pella boca & em ajuda; ufase na dor dos dentes aplicada em cima ou de cachimbo; Tomafe pelle Naris para fafer espirrar & a

Figura 1: Descrição do tabaco, na página 283 do primeiro tomo de *Historia das plantas*.

O livro de Vigier, dividido em dois volumes, contém mais de 800 ilustrações,⁴⁶ provavelmente impressas por meio da técnica de xilogravuras, a julgar pelo estilo e porque podiam ser produzidas simultaneamente com o texto na mesma página em uma única passagem pela prensa (Figura 1).⁴⁷ Cada um dos dois tomos, impressos em duodécimo, mede 15 por 9 cm, com cerca de cinco centímetros de espessura. O volume dois encontrado na Seção de Obras Gerais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi restaurado, por meio da aplicação de reforço de papel vegetal a cada folha do livro. O primeiro volume não sofreu intervenção e encontra-se em mau estado, danificado pelo tempo e pelos insetos.

A combinação do formato de bolso – algibeira, escreve Vigier –, com a presença do índice das propriedades medicinais das plantas descritas fazia do livro uma ferramenta essencial para a prática médica. Ao visitar um paciente, era conveniente consultar rapidamente o índice, depois de escutar-lhe a queixa, verificar a ação de cada planta indicada para o caso em questão e recomendá-la, junto com o método de administração.

Sem dificuldade, o livro *História das plantas* pode ser compreendido na categoria de ‘manuais de

saber’ da forma definida pelas historiadoras Lara Schiavinatto e Ermelinda Pataca, em artigo recém-publicado, onde discutem as características de seis obras do século XVIII que recorrem a imagens como ferramenta para a difusão do conhecimento prático. Segundo escrevem, “a elaboração, a tradução e a publicação de livros que sintetizassem as discussões de cada área do saber tornaram-se grande desafio para a comunidade científica”.⁴⁸ Sem dúvida, Vigier conseguiu arrostar – e com maestria – tal desafio.

Historia das plantas está dividido em doze livros e cada um dos quais se refere a uma classe de plantas, na maneira vigente antes do sistema lineano de classificação vegetal segundo características sexuais. A obra está organizada como mostra a Tabela 2. O primeiro volume traz todo o material prefaciador, além da descrição e das estampas das plantas classificadas dentre os primeiros seis livros, enquanto que o segundo volume traz o frontispício e os seis livros restantes, nas páginas numeradas de 449 até 866. O segundo volume traz também, ao final, contando 86 páginas, uma: “Taboada geral dos nomes das plantas, tanto latinos, franceses, italianos, espanhóis, que alemães conteúdos nesta Historia, postos todos juntos por ordem alfabética, com distinção na margem das ditas línguas por estas palavras Fr. Ital. Esp. & German. ou que o leitor observará por sua instrução”.

Os nomes comuns em francês, italiano, espanhol e alemão, além do português, eram dados para facilitar a aquisição das plantas. Como capital de um império que se estendia pelos quatro continentes, a cosmopolita Lisboa do século XVIII contava com médicos e droguistas que falavam as mais diversas línguas e, portanto, tenderiam a valorizar um herbário que facilitasse a identificação das plantas medicinais trazendo suas denominações em vários idiomas.

A maior parte das seções foi traduzida do original francês, exceto a carta dedicatória e a explicação dos nomes dos autores. Entretanto, a explicação tampouco é autoral, pois segue palavra-por-palavra o formato encontrado em Lémery, tanto original em francês,⁴⁹ como na tradução deste para o italiano.

Tabela 2: Número de páginas das seções do livro *Historia das plantas*, em 2 volumes

Vol.	Seção	pp.
1	Frontispício	1
1	Carta dedicatória ao Inquisidor-geral de Portugal, D. Nunno da Cunha	4
1	Prefácio intitulado “Ao leitor”	10
1	Distribuição das plantas contidas nesta Historia segundo a ordem do Pinax de G. Bahuino dividida em doze livros, cada livro em seis divisões	
1	Taboada das virtudes das plantas	17
1	Explicação dos nomes dos autores citados neste livro	5
1	Index dos nomes portugueses do conteúdo nos dois volumes	11
1	Historia das plantas	
2	Frontispício	1
2	Historia das plantas	
2	Taboada geral dos nomes das plantas, tanto latinos, franceses, italianos, espanhóis, que alemães conteúdos nesta Historia postos todos juntos...	86

O quinto item, a “Taboada das virtudes”, que faz parte do primeiro volume, é um índice segundo as doenças ou partes do corpo humano, indicando as plantas

*divididas segundo a ordem das partes do corpo humano; & das doenças que lhes sucedem. O leitor para dellas usar buscara o nome da parte achacosa e achara no numero das laudas a Planta propria para o intento, de modo que se for uma ferida ou um tumor na cabeça, achará na palavra cabeça todos os achaques da cabeça e assim das mais partes, e tambem nas doenças gerais por sua primeira letra, como gota, epilepsia, areias, pedra, febre, etc.*⁵⁰

Leitor e estudante aplicado, Vigier reafirma ter “incessantemente lido, & entendido” a literatura médica disponível à época, tanto em francês como em latim, condição para desempenhar as tarefas tanto de tradutor quanto de autor de livros sobre medicina. Por outro lado, afirma que, para entender os livros que fundamentam sua obra científica, não foi necessário conhecer os termos de Aristóteles ou de Porfírio, nem os aforismos de Hipócrates, nem os comentários de Galeno, nem os preceitos gramaticais de Demostenes ou Tullio. Mesmo assim, adquirira suficiente “notícia” para a leitura proveitosa dos livros de medicina, já que seu intento seria somente o de dar nome aos achaques, apontar os sintomas, notar os fenômenos e distinguir as alterações que surgem no decorrer de uma doença, na forma como já estavam descritos nos livros franceses e em latim.

O bojo do trabalho de Vigier traz a descrição acompanhada das estampas de cerca de 800 plantas, de acordo com o formato bem explicado na introdução. A primeira linha de cada descrição –que ocupa uma ou, raras vezes, duas páginas– contém o nome da planta segundo Gaspar Bauhin (1560-1624). Na mesma linha dessa nomenclatura, lê-se a epígrafe *G. Bauh*, grafada em itálico. Em seguida, o nome da planta segundo Mattioli é citado, impresso em letras maiúsculas e seguido da epígrafe *Mathioli*, também italicizada. Logo abaixo, a figura mostrando a planta ocupa o lado direito da página, enquanto à esquerda, são listados os nomes pelos quais as plantas são conhecidas em latim, português, francês, espanhol e alemão. Ainda ao lado da figura, sob o título ‘qualidades’, a planta é classificada como sendo quente, fria, seca ou úmida, e o respectivo grau, que podia variar do primeiro ao quarto.

O *grande Pinax* que aparece no longo título de *Historia das plantas* refere-se à obra de Gaspar Bauhin, botânico suíço responsável por uma contribuição valiosa e duradoura para a ciência – “que a botânica considera como sua tocha”, nas palavras de Vigier.⁵¹ No limiar do século XVII, ao fim de quase dois milênios de conhecimento acumulado sobre plantas, desde o trabalho de pioneiros como Dioscórides, o número de termos utilizados na botânica havia ultrapassado todos os limites razoáveis, e se instalou uma situação chamada por Brian Ogilvie de *information overload* (sobrecarga informacional).⁵² Ao longo dos séculos, à medida que eram identificadas e descritas em numerosos livros, as plantas receberam denominações que variaram de acordo com o sistema ou escolha de cada naturalista que publicava seu estudo, dando-lhes os nomes que achasse mais apropriados, sem que houvesse um conjunto de regras unificadas. Inevitavelmente, a mesma planta recebia dois, três ou até mesmo mais nomes diferentes, tendo a situação se agravado ainda mais com a exploração, a partir do século XV, do novo mundo, cuja flora parecia infinita.

Com a publicação do *Phytopinax* – que significa tabela de plantas –, Bauhin encerrou definitivamente a tradição de apresentar, nos herbários, as plantas por ordem alfabética e pontificou que, para ser bem-sucedido, um sistema taxonômico devia se basear nas afinidades naturais que as plantas guardam entre si. Na verdade, a ideia de uma lista de sinônimos dos nomes das plantas não era original. Entretanto as listas existentes até então eram somente léxicos incompletos que traziam os nomes comuns de cada planta, seguidos dos equivalentes em grego e em latim. A inovação do *Pinax* foi juntar o léxico em várias línguas com referências precisas à literatura. Tornou-se, com isso, a autoridade obrigatória para a identificação das plantas, trabalho que conseguiu realizar valendo-se de sua vasta coleção de 4000 exsiccatas, ou seja, amostras de plantas secas.⁵³ O trabalho de sistematização feito por Bauhin se estendeu por mais de 30 anos – *opus XL. annorum*, enfatiza Vigier – ao longo dos quais conseguiu reunir os nomes que, até então, eram usados para descrever cada planta e formular uma frase descritiva uniformizada, que passou a ser aceita entre os botânicos contemporâneos.

As longas frases descritivas de Bauhin foram, em geral, aceitas e adotadas pela comunidade botânica. Por exemplo, a banana, cuja nomenclatura científica atual é *Musa paradisiaca* L. foi chamada por Bauhin de *Palma humilis Longis latisque foliis*. Entretanto, o historiador Maurice Crosland assinala que, no *Pinax*, Bauhin já usava uma combinação de

duas palavras para designar algumas de suas plantas, antecipando a grande contribuição de Lineu com a nomenclatura binomial, no início do século XVIII.⁵⁴

Edições precursoras em latim e francês

A genealogia do livro *Historia das plantas*, de Vigier, publicado em Lyon, em 1718, pode ser retracada diretamente até o livro *Comentarii a Dioscoride* (1544 e 1554), de Pietro Andrea Mattioli, referido na introdução acima. Ao longo de quase dois séculos, o texto levado à prensa pelo comentador de Dioscórides foi traduzido, primeiro do latim para o francês e, não sem antes passar por múltiplas edições, modificações e versões feitas por diferentes homens, chegou às mãos de Vigier, que traduziu do francês para o português.⁵⁵

Na Tabela 3, são listadas as edições precursoras do livro *Historia das plantas*, de Vigier. É preciso advertir que somente aparecem aqui os livros disponíveis nos repositórios digitais consultados.⁵⁶ A segunda coluna mostra o responsável pela edição, ou seja, aquele que desempenhou a função de comentador, tradutor, editor, livreiro, ou uma combinação de mais de uma dessas atividades.⁵⁷

Tabela 3: Edições precursoras do livro *Historia das plantas*, todas impressas em Lyon

Ano	Responsável	Título	Idioma
1554	Pierandrea Mattioli	<i>Comentarii a Dioscoride</i>	latim
1561, 1567	Antoine Pinet de Noroy	<i>Historia Plantarum</i>	latim
1584	Geofroy Linocier	<i>Histoire des plantes, traducte..</i>	francês
1670	Claude Prost	<i>Histoire des plantes, et des plus...</i>	<i>idem</i>
1671, 1689	Jean-Baptiste DeVille	<i>idem</i>	<i>idem</i>
1707	Nicolas DeVille	<i>idem</i>	<i>idem</i>

227

Na edição francesa de *Histoire des plantes* de 1707, a mais próxima no tempo ao trabalho de tradução de Vigier, lê-se que os *Comentarii* de Mattioli haviam sido republicados há um mês, apenas. Neste livro, o objetivo de Mattioli era produzir um tratado prático sobre as plantas de Dioscórides com a adição de comentários que tornasse os médicos e boticários capazes de identificar as plantas medicinais da farmacopeia clássica. Na edição latina foram adicionados os sinônimos da nomenclatura comum das plantas em várias línguas, assim como numerosas ilustrações, valiosas para a identificação das plantas de Dioscórides, tornando o trabalho acessível a eruditos em toda Europa.⁵⁸

O mais provável é que o livro *Historia das plantas*, em português, tenha sido traduzido diretamente da edição de 1707, pois esta é a primeira em que aparece o nome de Nicolas Deville, tanto na capa, no espaço reservado ao editor, quanto na carta de privilégio, que é concedido a “Nicolas De Ville, Libraire à Lyon”, pelo Rei da França. Além disso, Vigier o cita nominalmente no prefácio ao leitor: “Nicolas DeVille, de que me intitulo em parte traductor, acrecentandolhe algumas explicaçoens das virtudes das plantas mais genuinas a o estilo moderno & diminuindolhe algumas menos intelligiveis & menos metodicass”.⁵⁹

A edição de Vigier é, portanto, uma tradução para o português da obra intitulada *Histoire des plantes de l'Europe et des plus usitées qui viennent d'Asie, d'Afrique et d'Amerique. Où l'on voit leurs figures, leurs noms, en quel temps elles fleurissent, & le lieu où elles croissent. Avec un abregé de leurs qualitez, & de leurs vertus spécifiques. Divisée en deux tomes, & rangée suivant l'ordre du Pinaux de Gaspard Bauhin*. Em texto prologal de sua tradução para o português, Vigier chama atenção para a pujança do empreendimento editorial na França daquele começo de século, ao discorrer

sobre os “muytos livros Medicos & chirurgicos (& agora digo que tambem Pharmaceuticos) dados a luz em minha linguagem Franceza”.

O mercado do livro em Lisboa era então dominado por importações, especialmente de Lyon, a cidade francesa onde foi impresso o livro de Vigier. Febvre e Martin chegam a citar o preço cobrado no ano de 1563 pelo frete de um fardo de livros até Lisboa, desde Lyon,⁶⁰ que havia se tornado importante centro de produção e exportação de livros, sendo bem situada a distâncias aproximadamente equivalentes da Mogúncia de Gutemberg, de Paris e das cidades importantes do norte da Itália. Depois de Paris e Veneza, Lyon era a cidade mais produtiva na Europa: enquanto 25.000 livros foram impressos na capital francesa entre 1500 e 1599, Lyon produziu 15.000.⁶¹ Em *Livreiros de setecentos*,⁶² a historiadora Manuela Domingos escreve com riqueza de detalhes sobre o mercado de livros em Lisboa, que na primeira metade do século era dominado por comerciantes oriundos da região entre Lyon e Turim, atraídos para Portugal no final do século XVII, incentivados pela política de fomento industrial implantada à época.

Os quatro humores hipocráticos e *Historia das plantas*

Escrito cerca de 2400 anos atrás por um dos discípulos de Hipócrates, o tratado intitulado *Da natureza do homem* apresenta, pela primeira vez, a teoria dos quatro humores:

*O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra – esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. Pois é necessário que, quando um desses humores se separa e se desloca para adiante de seu lugar, não só este lugar onde se desloca adoeça, mas também o lugar no qual ele transborda, ultrapassando a medida, cause dor e sofrimento.*⁶³

Além disso, cada humor corresponde a cada uma das quatro estações e cada um deles vai predominar durante a estação do ano de natureza semelhante:⁶⁴ o sangue, quente e úmido, predomina na primavera; a bile amarela, que é quente e seca, predomina no verão; a bile negra, fria e seca, no outono; e no inverno, frio e úmido, a predominância é do catarro (Tabela 4).⁶⁵

Tabela 4: Explicação da teoria dos humores (adaptado da referência 66)

humor	elemento	qualidades	paladar	temperamento
sangue	ar	quente e úmida	doce	sanguíneo
bile amarela	fogo	quente e seca	amargo	colérico ou bilioso
bile negra	terra	fria e seca	ácido	melancólico
fleuma, catarro ou linfa	água	fria e úmida	salgado	fleumático

O tratado da natureza do homem inicia com argumentos contra os filósofos que afirmavam ser o universo feito de uma única substância, e estende essa teoria à medicina; mas a parte mais importante nesse livro é a exposição da teoria dos humores. Curiosamente, outro livro da Coleção hipocrática, intitulado *dos humores*, não aborda esse assunto.⁶⁷

Esse tratado é um dos 69 textos médicos heterogêneos, incluindo anotações clínicas, relatos de casos, manuais, reflexões, comentários, aforismos, opiniões, palestras, etc., que formam o *Corpus hippocraticum*, ou seja, a Coleção

hipocrática. São textos escritos em vários momentos da Antiguidade, provavelmente baseados em diferentes tradições médicas da civilização helênica tanto na Grécia como também na Itália.⁶⁸ A importância da Coleção hipocrática pode ser apreciada no fato que a prática da medicina até o final do século XIX ainda seguia algumas ideias e preceitos médicos ali descritos, ou seja, durante mais de dois milênios foi a base teórica para a medicina no Ocidente.

Como tinham grandes vantagens para justificar a doença, a teoria dos humores ou fluidos de Hipócrates logo passaram a ocupar uma posição central na medicina. Fluidos, como o pus dos ferimentos ou o catarro da gripe, são típicos sinais bem visíveis de um estado de morbidez. Por sua vez, fluidos como o escarro, a urina e os excrementos podiam apresentar variações, sutis ou drásticas, que eram facilmente interpretadas pelo médico e revelavam se o paciente estava são ou doente. Importantes sinais indicativos da região do corpo possivelmente afetada por uma enfermidade eram a maneira e o lugar em que os fluidos chegavam à superfície, que podia ser na forma de hemorragia nasal, hemorroidas, vômito ou uma úlcera supurada. Isso porque, fazendo a analogia com o curso d'água que seguirá invariavelmente o caminho mais livre e desviando das pedras, o fluxo dos humores também seguiria a maneira mais fácil de escapar do corpo. Acima de tudo, a ideia do equilíbrio dos humores, ou fluidos corporais, como a condição para uma boa saúde era simples, bem tangível e de fácil entendimento para qualquer pessoa.⁶⁹

Os quatro humores são, como se lê acima, o sangue, a fleuma (ou catarro), a bile (amarela) e a bile negra. Uma pessoa teria boa saúde enquanto houvesse equilíbrio e uma correta mistura de humores em cada parte do corpo humano, enquanto que a doença é causada pelo desequilíbrio e pelo excesso de algum dos quatro humores dentro do corpo. Vigier cita, por exemplo, a cuscuta (*Cuscuta racemosa* Mart.) que teria o poder de eliminar fleuma e bile das veias, enquanto que o poejo (*Mentha pulegium* L.) eliminaria a bile negra e o catarro, mas especificamente, dos pulmões.⁷⁰

Uma vez que a doença é causada pela falta ou excesso de um dos humores em uma dada região do corpo humano, a ação dos remédios visa a eliminar o humor que se encontrar em excesso, de modo que o equilíbrio natural volte a prevalecer, "pois, se derdes a um homem um remédio que remova fleuma, ele vomita fleuma, e se lhe derdes um remédio que remova bile, ele vomita bile. Segundo os mesmos princípios, a bile negra é purgada, se lhe derdes remédio que remova bile negra. E se ferires uma parte qualquer do próprio corpo, de sorte a produzir uma chaga, dela escorrerá sangue".⁷¹

Dessa forma, remédios purgantes, que provocam a evacuação deviam ser usados se o médico julgasse haver um excesso de bile. Por outro lado, plantas ou outras drogas que provocam o vômito seriam indicadas para reestabelecer o equilíbrio pela eliminação da bile julgada estar em excesso no estômago:

*[...] as doenças que a repleção engendra, a evacuação as cura; as doenças que surgem pela evacuação, a repleção as cura; as que são oriundas do exercício, a pausa cura, e as que são geradas pela inércia, cura-as o exercício. Para resumir: o médico deve pôr-se em oposição às constituições das doenças, às características físicas, às estações e às idades, e relaxar o que estiver tenso, e retesar o que estiver relaxado.*⁷²

Este era o caso, segundo Vigier, da centáuria (*Centaurea cyanus* L.), planta de flor azul ou violeta, que "purga a cólera do estômago".⁷³

As qualidades dos medicamentos galênicos

No século II, o médico Galeno (129-c.216) deu à teoria dos quatro humores o prestígio que viria a guardar durante os 1500 anos que se seguiram. Ao passo que a coleção hipocrática fundamentou toda a ciência médica na Antiguidade grega, a obra de Galeno, escrita seiscentos anos depois que Hipócrates a divulgou, pode ser considerada o apogeu da escola médica grega. O mérito de Galeno, no segundo século de nossa era, já mais próximos de nós, foi o de consolidar e discutir todo o conhecimento médico herdado da tradição grega.⁷⁴ Foi na forma dada por Galeno que

a medicina grega floresceu no Império Romano, atravessou o medievo e sobreviveu praticamente intacta até o século XIX, meros 150 anos atrás.

No tratado intitulado *Faculdades Naturais*, Galeno discorre sobre as características de cada um dos quatro humores. Para ele, “[...] o sangue é um humor virtualmente quente e úmido, e similarmente também que a bile amarela é quente e seca, embora pareça em maior parte, úmida”.⁷⁵ A bile amarela (fleuma) foi explicada com mais detalhe logo em seguida:

*Então, o que todos chamam de catarro e é de cor branca, Prodicus chama de muco (Blenna). Este humor é frio e úmido e se acumula nos idosos e nos indivíduos que foram resfriados de alguma forma. Ninguém, nem mesmo um louco diria que é outra coisa senão frio e úmido. Havendo, portanto, um humor quente e úmido, e outro quente, seco, e um terceiro úmido e frio, mas não haveria que praticamente frio e seco, e a quarta combinação de temperamento que iria atender a todos não encontrar nos apenas humores? No entanto, bile negra é um estado de espírito como este.*⁷⁶

Em outra obra, intitulada *Sobre os temperamentos*, a cada medicamento, seja de origem vegetal, mineral ou animal, corresponde uma ou duas qualidades, que são classificadas em ativas ou passivas. As qualidades ativas são ser cálido ou frígido, enquanto as passivas são ser seco ou úmido. As qualidades determinam a ação do fármaco no corpo humano, ou seja, a capacidade de um medicamento aquecer, refrigerar, ressecar ou umidificar o corpo. Além disso, as qualidades podem variar em intensidade, sendo divididas em quatro graus de intensidade das respectivas qualidades: no primeiro grau, a ação era somente teórica, no segundo grau, era perceptível, no terceiro, o efeito era forte, e no quarto, era destruidor.

Considerações finais

230

O trabalho de Vigier foi apreciado e teve repercussão duradoura. Em 1899, na sua *História da medicina em Portugal*,⁷⁷ Maximiano Lemos escreveu que o livro de Vigier “nos afigura ainda de algum valor,” principalmente por causa das numerosas gravuras de plantas, enquanto Innocencio, em 1860, afirmava que “esta obra gozava, ainda não ha muitos anos, de bastante estimação, e tornára-se tão rara e procurada, que sei de exemplares vendidos até 3:200 reis. Hoje vale muito menos, e creio que o preço regular dos exemplares que apparecem ha sido de 1:200 até 1:600 réis.”⁷⁸

No prefácio de seu livro precedente, a *Pharmacopea*, já era clara a intenção de Vigier adaptar a obra para o público leitor português, quando afirmava que escrevia “para aproveitamento ao menos de alguns praticantes, em os quaes (que para estes escrevo, & nao para os Mestres)”.⁷⁹ No *Diário da viagem filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro*, Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) testemunha que Vigier conseguiu alcançar seu objetivo:

*A medicina em ambas as capitánias, já eu disse em outra parte, que tinha mais charlatães ainda do que a política em Itália: vagam pelas suas mãos algumas receitas, que se tem tirado dos receituários de Ferreira, Mirandella, e Mouravá, com estas e com as que têm ajuntado e recebidos de alguns dos cirurgiões se caracterizam médicos, e como tais se encarregam de toda e qualquer enfermidade. Ainda a mais vasta e mais escolhida biblioteca cirúrgica, que por aqui se tem espalhado, não compreende mais do que as obras dos citados Ferreira, Mirandella e Mouravá; as de Curvo, Santusse, Castellos Fortes, Madeira de qualidade celtica, a Ancora Medicinal de Pedro de Alvellos, o Diálogo cirúrgico, do Lima do Porto, Receituário Luzitano, e já hoje com muita raridade algum col. de Villares, Thesouro Appolineo, etc.*⁸⁰

Isto se observa também na tradução de *Historia das plantas*, que procurava atender as necessidades específicas dos leitores de sua pátria de adoção. Longe de ser uma tradução literal para a língua portuguesa da versão francesa, o trabalho de Vigier demonstra um entendimento problematizado do papel de tradutor crítico, levando em consideração as possíveis demandas do público-alvo a que se destinava. Como escreve Isabelle Pantin sobre o início da era moderna,

HISTORIA
DAS PLANTAS
DA EUROPA,
E DAS MAIS UZADAS
que vem de Asia, de Affrica,
& da America.

*Onde ve se suas figuras, seus nomes, em
quo tempo florecem & o lugar
onde nace.*

Com hum breve discurso de suas Quali-
dades e Virtudes especificas.

*Dividida em dois volumes, & acomodada
na forma do grande Pinax de Gaspar
Bauhino.*

POR JOAON VIGIER,

Offrecida

Ao Em^{mo}. S^{nor}. Cardeal D. NUNNO
da CUNHA Inquisidor Geral &c.

TOMO PRIMEIRO.



EM LION,
Na Officina de ANISSON, POSUEL
& RIGAUD.

M. DCCXVIII.

Figura 2: Frontispício do livro de Vigier (1718).

ao passo que traduções entre duas línguas vernáculas eram a seara de livros utilitários – manuais práticos, panfletos astrológicos ou sobre os efeitos de cometas e farmacopeias –, médicos davam grande importância à tradução do texto em latim, cujo domínio demonstrava competência profissional, para as línguas vernáculas, que permitiam a divulgação de um saber útil e digno de crédito.⁸¹

O livro *Historia das plantas* se dirigia também ao público leigo, entretanto não se pode descartar seu uso pelos estudantes de medicina ou mesmo por médicos durante sua prática rotineira, quando necessitavam de um guia rápido capaz de associar um sintoma com a planta apropriada para seu tratamento. Manoel de Sá Mattos, ao escrever, em 1788 sua longa história da medicina na Europa desde a Antiguidade, indica essa possibilidade, ainda que se referindo a outra obra de Vigier, o *Thesouro apollineo*, que definiu como uma “especie de Farmácia útil para os Cir[urgios] das Embarcaçoens e Aldeas”.⁸²

Este estudo de caso sobre a obra de Vigier revela um fragmento da história do livro científico em língua portuguesa no início do Setecentos, abrindo uma janela para mostrar o gênero e o formato que o conhecimento sobre medicina – farmácia, nomeadamente – estava disponível para os leitores do extenso Império português.

Notas e referências bibliográficas

Fernando J. Luna é professor na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). E-mail: fernandojoseluna@gmail.com.

- 1 O autor é grato aos assessores anônimos desta *Revista*, pelos rigorosos pareceres que deram à primeira versão submetida e, especialmente, pelas generosas sugestões ali contidas.
- 2 Ver DARNTON, Robert. What is the history of books? *Daedalus*, v. 111, n. 3, pp. 65-83, 1982, um dos trabalhos fundamentais sobre o estabelecimento da história do livro como disciplina. De especial interesse é a figura intitulada 'communications circuit' (p. 68), que apresenta um modelo caracterizando os vários atores cujas histórias se somam para resultar na 'história do livro'.
- 3 GONÇALVES, Paula; CURTO, Diogo R.; FERREIRA, Graça P. *Bibliografia da história do livro em Portugal: séculos XV a XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.
- 4 GRUPO Interdisciplinar do Livro e da Leitura. 350 títulos para a história do livro e da leitura em Portugal. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/chc/pdfs/350TIT.pdf>>. Acesso em março de 2017.
- 5 Ainda que restrito a física e matemática, uma notável exceção é o catálogo publicado por LEITÃO, Henrique de S.; MARTINS, Lígia de A. *O livro científico antigo dos séculos XV e XVI: ciências físico-matemáticas na Biblioteca Nacional*. Lisboa: Ministério da Cultura/Biblioteca Nacional, 2004.
- 6 LUNA, Fernando J.; KURY, Lorelai B. Enlightenment chemistry translated by a Brazilian man of science in Lisbon. *Ambix*. Cambridge, v. 59, n. 3, pp. 218-240, 2012.
- 7 LUNA, Fernando J. Vicente Seabra Telles e a criação da nomenclatura em português para a química 'nova' de Lavoisier. *Química Nova*, v. 36, n. 6, pp. 921-926, 2013.
- 8 BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, Ronnie (org.) *Cultural Translation in Early Modern Europe*. Cambridge: University Press, 2007.
- 9 PIERETTI, Marie-Pascale. Women Writers and Translation in Eighteenth-Century France. *The French Review*, v. 75, n. 3, pp. 474-488, 2002.
- 10 WHITE, Michael. *Isaac Newton: the last sorcerer*. London: Fourth Estate, 1998.
- 11 AGORNI, Mirella. A Marginal(ized) Perspective on Translation History: Women and Translation in the Eighteenth Century. *Meta: journal des traducteurs/ Meta: Translators' Journal*, v. 50, n. 3, pp. 817-830, 2005.
- 12 GOMEZ DE ENTERRÍA, Josefa. Notas sobre la traducción científica y técnica en el siglo XVIII. In: LEPINETTE, Brigitte; MELERO, Antonio (Org.). *Historia de la traducción: Cuadernos de filología: Estudios lingüísticos*, v. 8, València: Universitat de València, 2003.
- 13 BERTOMEU SÁNCHEZ, José R.; MUÑOZ BELLO, Rosa. Traducción y censura: el manual de química de Jean-Antoine Chaptal (1756–1832). *Cuadernos del Instituto Historia de la Lengua*, v. 3, pp. 27–61, 2009.
- 14 Atualmente, a palavra herbário se aplica mais para designar uma coleção organizada de espécimes de plantas dessecadas, mas o dicionário ainda registra o uso alternativo.
- 15 FABIANI, Giuseppe. *La vita di Pietro Andrea Mattioli*. Siena: Bargellini, 1872.
- 16 FINDLEN, Paula. The Formation of a Scientific Community: Natural History in Sixteenth Century Italy. In: GRAFTON, Anthony; SIRAI, Nancy (Org.) *Natural Particulars: Nature and the Disciplines in Renaissance Europe*, Cambridge, Mass: MIT Press, 1999.
- 17 CATALDO DE AZEVEDO, Fabiano. A circulação de livros de medicina na Livraria Pública da Bahia, 1811-1818. *Circumscribere*, v. 15, pp. 19-34, 2015.
- 18 TOUWAIDE, Alain. Botany and Humanism in the Renaissance: Background, Interaction, Contradictions. *Studies in the History of Art*, v. 69, Symposium Papers XLVI: The Art of Natural History: Illustrated Treatises and Botanical Paintings, 1400-1850), pp. 32-61, 2008.
- 19 ANAZARBUS, Pedanius Dioscorides. *De materia medica*. Tradução: Lily Y. Beck. Zurich/New York: Olms/Weidmann Hildesheim, 2005, p. xviii.
- 20 HADDAD, Thomás. Diálogo entre a história da ciência e a história do livro: considerações preliminares. *Circumscribere*, v. 15, pp. 1-7, 2015. Neste trabalho, além das questões de pesquisa, são apresentadas também, de forma clara e concisa, as principais referências dessa área dos estudos históricos, que ainda conta com poucos trabalhos escritos em português.
- 21 O interesse pelo herbário de Vigier surgiu enquanto ministrava uma disciplina para o Programa de Pós-graduação em Ciências Naturais, na Universidade Estadual do Norte Fluminense, durante a qual foram discutidos os trabalhos de Dioscórides, Badiano, Hernandez, da Horta, Piso, Acosta, entre outros, usando publicações recentes de especialistas na história do livro, das ciências e das mentalidades. Percebendo que pouco havia sido escrito sobre Vigier, tento preencher a lacuna.
- 22 BOUZA ALVAREZ, Fernando J. *Communication, Knowledge, and Memory in Early Modern Spain*. Tradução: Sonia Lopez e Michael Agnew. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 44.
- 23 VIGIER, Joam. *Thesouro apollíneo, galenico, químico, cirurgico, pharmaceutico ou compendio de remédios*. Lisboa: Off. Real Deslandesiana, 1714.
- 24 Vigier se define, na introdução do *Thesouro*, como 'seplasiario'. *Seplasiarius* significa comerciante de unguentos, de acordo com o *Oxford Latin Dictionary*, Oxford: University Press, 1968, p. 1738.
- 25 A obra *Pharmacopea Ulyssiponense, galenica e chymica* "foi a primeira a reunir um grande número de referências às plantas medicinais das colônias, sobretudo o Brasil", citando EDLER, Flávio C. Plantas nativas do Brasil nas farmacopeias portuguesas e europeias: séculos XVII e XVIII. In: KURY, Lorelai (Org.). *Usos e circulação de plantas no Brasil: séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: A. Jakobsson, 2013, p. 134.
- 26 VIGIER, op. cit., 1714, p. iij.
- 27 Idem, p. viii.
- 28 DIAS, José Pedro; PITA, João Rui. L'influence de la pharmacie et de la chimie françaises au Portugal au XVIIIe siècle: Nicolas Lémery. *Revue d'histoire de la pharmacie*, 82e année, n. 300, pp. 84-90, 1994.
- 29 VIGIER, op. cit., 1714, s.p.

- 30 PARTINGTON, J. R. *A history of chemistry*, v. 3. London: MacMillan, 1962, pp. 28-29.31 Uma excelente e ponderada abordagem sobre a produção do saber médico em Portugal no século XVIII encontra-se no primeiro capítulo de ABREU, Jean L. N. *Nos Domínios do Corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- 32 SABIO PINILLA, José A. La traducción en portugal durante el siglo XVIII. In: SABIO PINILLA, José A. (Org.) *La traducción en la época ilustrada* (Panorámicas de la traducción en el siglo XVIII). Granada: Comares, 2009.
- 33 ARNEIRO, Ana; SIMÕES, Ana; DIOGO, Maria Paula. Enlightenment science in Portugal: The Estrangeirados and their communication networks. *Social Studies of Science*, v. 30, n. 4, pp. 591-619, 2000.
- 34 FILGUEIRAS, Carlos A. L. Bartolomeu de Gusmão – um eco da revolução científica no Brasil colonial. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; MAIA, Carlos A. (Org.). *História da ciência: o mapa do conhecimento* Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996.
- 35 KURY, Lorelai B. *Bartolomeu Lourenço de Gusmão: o padre inventor*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro/Andrea Jakobson Estúdios, 2011.
- 36 BRIGOLA, João. Perspectiva histórica da evolução do conceito de museu em Portugal. In: LOPES, Maria M. e HEIZER, Alda (Org.) *Colecionismo, práticas de campo e representações*. Campina Grande: Eduepb, 2011.
- 37 BOXER, C. R. *The golden age of Brazil*. Berkeley: University of California, 1962, pp. 296-7
- 38 SERRÃO, Joaquim V. *História de Portugal: vol. V. A restauração e a monarquia absoluta (1640-1750)*. [Lisboa:] Editorial Verbo, 1980, p. 411.
- 39 DISNEY, A. R. *A History of Portugal and the Portuguese Empire: From Beginnings to 1807*. Volume 1: Portugal. Cambridge: University Press, 2009. p. 275.
- 40 RODRIGUES, Graça A. *Breve História da Censura Literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação e Ciência, 1980.
- 41 VILLALTA, Luiz C. Libertinagens e livros libertinos no mundo luso-brasileiro (1740-1802). In: ALGRANTI, Leila M.; MEGIANI, Ana P. (org.) *O Império por escrito: Formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico. séculos XVI-XIX*. São Paulo: Alameda, 2009. p. 524.
- 4 MAXWELL, Kenneth. *Pombal, paradoxo do iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 13.
- 43 FUCHS, Leonhart. *Le nouvel herbier de 1543: New Kreuterbuch*. DORAT, Klaus; DRESSEN-DÖRFER, Werner; NEBOIS, Thierry (org.). Tradução: Annie Berthold. Köln: Taschen, 2016, p. 27.
- 44 FUCHS, Leonhart. *L'histoire des plantes* mis en commentaires par Leonart Fvschs medecin tres renomme. Lion: Rouille, 1558, p. 2.
- 45 FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 143.
- 46 Embora Rômulo de CARVALHO (*A história natural em Portugal no século XVIII*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1987, p. 14) julgue excelente a apresentação gráfica de *Historia das plantas*, mesmo uma comparação ligeira com outros herbários coevos releva a qualidade inferior de suas ilustrações (Cf. ANDERSON, Frank J. *An illustrated history of the herbals*. New York: Columbia University Press, 1977).
- 47 CHARTIER, Roger. *The Culture of print: Power and uses of print in early modern Europe*. Tradução: Lydia Cochrane. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 6.
- 48 SCHIAVINATO, Lara L.; PATACA, Ermelinda M. Entre imagens e textos: os manuais como práxis de saber. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* v. 23, n. 2, pp. 551-566, 2016, p. 553.
- 49 LÉMERY, Nicolas. *Traité universel des drogues simples*. Paris: Laurent d'Houry, 1698.
- 50 VIGIER, op. cit., 1718, v. 1, p. 17.
- 51 VIGIER, João. *Historia das plantas da europa, e das mais uzadas que vem de Asia, de Affrica, & da America*. Lyon: Anisson, Posuel, Rigaud, 1718.
- 52 OGLIVIE, Brian W. The Many Books of Nature: Renaissance Naturalists and Information Overload *Journal of the History of Ideas*, v. 64, n. 1, pp. 29-40, 2003.
- 53 HARVEY-GIBSON, R. J. *Outlines of the history of botany*. London: A. & C. Black, 1919, p. 27.
- 54 CROSLAND, Maurice. *Historical Studies in the Language of Chemistry*. Cambridge: Harvard, 1962, p. 139.
- 55 TOMLINSON, Rowan Cerys. 'Plusieurs choses qu'il n'avoit veuës': Antoine Du Pinet's Translation of Pliny the Elder (1562). *Translation and Literature*, v. 21, pp. 145-161, 2012.
- 56 Archive.org ; europeana.eu ; googlebooks; dp.la; purl.pt; brasiliana.usp.br.
- 57 No século XVI, o nome impresso no frontispício dos livros franceses podia ser do impressor, do livreiro ou do editor responsável. Cf. PETTEGREE, Andrew; WALSBY, Malcolm; WILKINSON, Alexander. *French vernacular books/Livres vernaculaires français*, v. 1. Leiden/Boston: Brill, 2007, p. xi.
- 58 ZANOBI, Bruno. In: GILLISPIE, Charles (org.) *Dictionary of Scientific Biography*, v. IX. New York: Scribner's, 1974, p. 179.
- 59 VIGIER, op. cit., 1718, p. vii.
- 60 FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *L'apparition du livre*. Paris: Albin Michel, 1958, p. 298.
- 61 Idem, p. 343.
- 62 DOMINGOS, Manuela D. *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.
- 63 CAIRUS, Henrique. Da natureza do homem: Corpus hippocraticum. *História ciências saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, pp. 395-430, 1999.
- 64 Outro paralelo interessante associando os quatro humores à organização social do império otomano foi apontado por GÜNERGUN, Feza. Ottoman encounters with European science: sixteenth- and seventeenth-century translations into Turkish. In: BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, Ronnie, op. cit., 2007, p. 203.
- 65 JOUANNA, Jacques. *Greek medicine from Hippocrates to Galen: selected papers*. Tradução: Neil Allies. Leiden: Brill, 2012.
- 66 CASTRO, Inês de O. Prática média e alimentação nos textos portugueses seiscentistas. In: COSTA, Palmira F.; CARDOSO, Adelino (org.) *Percurso na História do Livro Médico*. Lisboa: Edições Colibri, 2011, pp. 74-91.
- 67 SARTON, George. *Ancient Science through the Golden Age of Greece*. New York: Dover, 1993, p. 368.
- 68 PRIORESCHI, Plinio. *A History of Medicine: Greek medicine*, vol. II, Omaha: Horatius Press, 1996, p. 217.

- 69 NUTTON, Vivian. *Ancient Medicine*. London/New York: Routledge, 2013, p. 78.
- 70 VIGIER, op. cit., 1718, v. 1, p. 384.
- 71 CAIRUS, op. cit., 1999.
- 72 Idem.
- 73 VIGIER, op. cit., 1718, v. 2, p. 499.
- 74 BROCK, A. J. Introduction. In: GALEN, *On the natural faculties*. Cambridge, Mass.: Harvard, 1952.
- 75 GALEN. *On the natural faculties*. Cambridge, Mass.: Harvard, 1952, p. 201
- 76 GALENO; *Oeuvres anatomiques, physiologiques et médicales de Galien*. Tradução: Charles Daremberg. Paris: J.-B. Baillièrre, 1856.
- 77 LEMOS, Maximiano. *História da medicina em Portugal*, vol. II, Lisboa: M. Gomes, 1899, p. 170.
- 78 DA SILVA, Innocencio F. *Diccionario bibliographico portuguez*, tomo 4. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, p. 53.
- 79 VIGIER, Joam. *Pharmacoepa ulissyponsense, galenica e chymica*. Lisboa: Pascoal da Sylva, 1716.
- 80 FERREIRA, Alexandre R. Diário da viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro. *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro, tomo 51, 1º folheto, pp. 5-166, 1888, p. 103.
- 81 PANTIN, Isabelle. The role of translations in European scientific exchanges in the sixteenth and seventeenth centuries, In: BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, Ronnie, op. cit., 2007, pp. 165-175.
- 82 MATTOS, Manoel de Sá. *Bibliotheca elementar chirurgico-anatomica*, ou compendio historico-critico, e chronologico Sobre a Cirurgia e Anatomia em geral, que contém os seus princípios, incrementos e ultimo estado, assim em Portugal, como nas mais partes cultas do Mundo, com a especificação de seus respectivos Auctores, suas obras, vidas, methodos e inventos, desde os primeiros seculos até o presente. Porto: na officina de António Alvarez Ribeiro, 1788, p. 156.

[Recebido em Junho de 2016. Aprovado para publicação em Dezembro de 2016]